



ARTIGO ORIGINAL

PERFIL DOS DOADORES E NÃO DOADORES DE SANGUE DE UM MUNICÍPIO DO SUL DO BRASIL

BLOOD DONORS AND NON-DONORS PROFILE IN A CITY IN THE SOUTH OF BRAZIL

PERFIL DE LOS DONADORES Y NO DONADORES DE SANGRE DE UN MUNICIPIO DEL SUR DE BRASIL

Débora Belato¹
Teresinha Heck Weiller²
Stefanie Griebeler Oliveira³
Dyan Jamilles Teixeira Brum⁴
Maria Denise Schmith⁵

RESUMO: Este estudo delineou o perfil dos doadores e não doadores de sangue de uma cidade do Sul do Brasil. Trata-se de um estudo transversal, com abordagem quantitativa. Os dados foram obtidos através de formulários com amostra de 236 estudantes universitários e de 152 usuários que acessaram o pronto atendimento do hospital da mesma cidade, totalizando 388 indivíduos. O instrumento foi aplicado no mês de outubro de 2008, sendo obtidos dados como: sexo, escolaridade, idade, e, se eram ou não doadores de sangue. Questionava-se, ainda, sobre as razões para doar ou não sangue. Verificou-se que o total de mulheres e homens doadores se equipara. Em relação à idade, o adulto jovem predomina na doação de sangue. O motivo, mais freqüente, para doação foi o sentimento de ajudar as pessoas, e para não doação, foi o medo do procedimento. Aponta-se que ainda há espaço para esclarecimento sobre o processo de doação.

Descritores: Enfermagem; Doadores de sangue; Bancos de sangue.

ABSTRACT: *This study delineated the profile of blood donors and non-donors of a city in the South of Brazil. It is a cross-sectional study, with quantitative approach. Data was collected through forms filled out by a sample of 236 undergraduate students and 152 people that had access to the Emergency Room of the hospital of the same city, totalizing 388 individuals. The form was filled out during October of 2008, and data obtained consisted of: gender, level of schooling, age and whether or not they were blood donors. Moreover, the reasons to donate or not donate blood were questioned. The number of women and men who are donors is similar. Concerning age, young adults predominate when it comes to blood donation. The most frequent reason to donate was the feeling of helping people and the most frequent reason not to donate was the fear of the procedure.*

¹ Enfermeira. deborabelato@gmail.com

² Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professora adjunta do departamento de Enfermagem e da Residência Multiprofissional em Saúde da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Membro do Grupo Cuidado, Saúde e Enfermagem. Coordenadora do Núcleo de Estudos em Saúde Coletiva. do CCS (UFSM). weiller2@hotmail.com

³ Enfermeira. Enfermeira. Mestre em Enfermagem. Professora Substituta do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Membro dos Grupos de Pesquisa: Cuidado, Saúde e Enfermagem (UFSM); Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Saúde (NEIS/UFSM); e, Grupo de Estudos Culturais na Educação em Saúde e Enfermagem (UFRGS). stefaniegriebeler@yahoo.com.br

⁴ Acadêmica de Enfermagem (UFSM). Membro do Grupo de Pesquisa Cuidado, Saúde e Enfermagem (UFSM). dy_brum@hotmail.com

⁵ Enfermeira. Mestre em Enfermagem. Professora Assistente do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Membro do Grupo de Pesquisa Cuidado, Saúde e Enfermagem. ma.denise@yahoo.com.br



The results point out the need for further clarification about the process of blood donation.

Descriptors: Nursing; Blood donors; Blood bank.

RESUMEN: Este estudio trazó el perfil de los donantes y no donantes de sangre de una localidad del Sur de Brasil. Se trata de un estudio cuantitativo, cuyos datos se obtuvieron por medio de formularios aplicados a una muestra de 236 estudiantes universitarios y de 152 usuarios que accedieron al centro de emergencias del hospital de esta ciudad, totalizando 388 individuos. Se les aplicó el instrumento en octubre de 2008 y se obtuvieron datos como sexo, escolaridad, edad y si eran o no donantes de sangre. Se les preguntó también acerca de las razones para donar sangre o no hacerlo. Con relación a la edad, el adulto joven predomina en la donación de sangre. La razón más frecuente para la donación fue el sentimiento de ayudar a la gente, y para no donar, el miedo del procedimiento. Se destaca que todavía hay espacio para la aclaración del proceso de donación.

Descritores: Enfermería; Donadores de sangre; Bancos de sangre

INTRODUÇÃO

O processo de doação de sangue junto ao banco de sangue de um hospital da Região Sul do Brasil não traduz as expectativas e necessidades do serviço, na perspectiva de propiciar cobertura de atendimento em favor dos usuários dos serviços de saúde, para suprir a demanda transfusional sanguínea. Salienta-se que são muitos os fatores que influenciam a tomada de decisão em relação à doação sanguínea, por isso são necessárias informações sobre a doação de sangue, pois, quanto maior o conhecimento, maior a possibilidade de o indivíduo tornar-se doador fidelizado.¹ Ressalta-se que alguns doadores, em sua primeira doação, podem ficar relutantes em retornar, perdendo a confiança no serviço de sangue, se a experiência for desagradável, por vivenciarem situações negativas ou por terem ouvido algo sobre problemas de estoque.²

Além disso, a doação de sangue tem sido acompanhada de mitos, preconceitos e tabus. Mesmo com o acesso às informações, existem um grande desconhecimento e alguns equívocos sobre a doação de sangue. O Ministério da Saúde constatou que são crenças, medos e preconceitos dos seguintes tipos: que a doação de sangue contribui para o aumento de peso e para o enfraquecimento físico; que, uma vez doador, tem de doar sempre; que a doação pode engrossar o sangue, dentre outros. Isso constitui um imaginário social cujas representações dificultam, senão impedem, a disponibilidade das pessoas para doar sangue.³

Nesse sentido, torna-se desafiante o esclarecimento sobre os preconceitos e tabus acerca da doação de sangue, uma vez que estes estão associados a elementos culturais, bem como históricos. Dessa forma, a mudança desse cenário se faz com um trabalho que conscientize e sensibilize os jovens para a doação de sangue como ato de cidadania, solidariedade e preservação da vida humana.⁴

Salienta-se que a doação de sangue é um ato voluntário, de solidariedade, que pode ser espontâneo ou vinculado a um determinado paciente. Percebe-se que, mesmo com as dificuldades vivenciadas no cotidiano da sociedade contemporânea, a doação de sangue vem se expressando, cada vez mais, como solidariedade.⁵ A garantia do sucesso da formação de doadores está fundada na tríplice dimensão humana da dádiva ou dom, da cooperação e da solidariedade. Essas dimensões, por serem atributos universais do



ser humano, iluminam e permitem dar sentido às culturas singulares de povos ou de grupos sociais específicos.⁶

Entende-se que fazer estudos locais, verificando o perfil dos doadores de sangue e não doadores permite identificar de que modo aquela população comporta-se em relação à doação de sangue. Variáveis como faixa etária, grau de escolaridade e condições de gênero possibilitam a visualização dos grupos mais sensíveis aos argumentos em favor da doação, aos sentimentos de solidariedade e de cooperação, sendo importante o conhecimento de possíveis resistências de natureza cultural e religiosa. A partir disso, torna-se possível a elaboração de estratégias de mobilização, de sensibilização e de formação de doadores fidelizados. Dessa forma, o presente estudo, teve com a seguinte questão norteadora central: Qual o perfil de doadores e não doadores na amostra estudada? O objetivo, portanto, foi delinear o perfil de doadores e de não doadores de sangue de uma cidade do sul do Brasil.

MÉTODO

Este trabalho é resultado de um estudo o transversal, com abordagem quantitativa, realizado com doadores e não doadores de sangue em um município do sul do Brasil. A pesquisa quantitativa foi a mais adequada para este estudo, pois considera que tudo pode ser quantificável, o que significa traduzir em números opiniões e informações, para classificá-las e analisá-las.⁷

Os dados foram obtidos por meio de formulários, no mês de outubro de 2008, aplicados a uma amostra de 236 estudantes, de 15 cursos de graduação de uma universidade do interior do estado do Rio Grande do Sul, a qual possui uma população de 16.000 estudantes. Simultaneamente, o instrumento foi aplicado à 152 usuários que acessaram o pronto atendimento do hospital desta mesma cidade, considerando-se que a população desta, era 78.000 habitantes. Sendo assim, um total de 388 indivíduos foram entrevistados. O cálculo da amostra foi definido pelo Departamento de Física, Estatística e Matemática (DeFEM) da Universidade do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ-RS), utilizando-se o *software* Statistica. O índice de confiança da amostra foi de 95%, com margem de erro 2,33%.

O critério de inclusão dos alunos foi estarem frequentando cursos de graduação da instituição. Em relação aos usuários, foi usarem serviços do hospital que possui banco de sangue no município no período da coleta de dados. Para exclusão, foram levados em conta os usuários e alunos que não se enquadravam nos critérios de inclusão e não aceitaram participar do estudo.

Os alunos sujeitos do estudo foram abordados na universidade e os usuários no pronto atendimento. Para ambos os casos foi explicado o objetivo da pesquisa e solicitada sua participação. Aqueles que aceitaram participar da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Os dados obtidos a partir do instrumento eram relativos: ao sexo, escolaridade, idade e se eram ou não doadores de sangue. Ele continha também uma pergunta aberta para identificar as razões que os levavam a serem ou não doadores de sangue. Essas razões foram quantificadas pela frequência de aparecimento nas respostas dos sujeitos da pesquisa. O instrumento foi aplicado no mês de outubro de 2008 e, em seguida, os dados foram processados estaticamente pelo Laboratório de Estatística (LABEST) da UNIJUÍ. A pesquisa observou as orientações da Resolução CNS, nº. 196/96⁸, e somente foi executada após a aprovação do Comitê de Ética na Pesquisa da UNIJUÍ, sob o nº. 114/2008.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A seguir, será apresentado o perfil dos doadores e não doadores pesquisados, bem como os motivos para doar sangue ou não.

Perfil dos doadores e não doadores

Tabela 1 - Distribuição dos doadores e não doadores de sangue de um município do RS, segundo o sexo. 2008 (n=388)

		PA		Universidade		Total
Doador	Sexo					
Sim	Feminino	31	0,4	5	4,8	6
	Masculino	3	8,3	3	,7	6
Não	Feminino	2	4,2	36	7,6	88
	Masculino	6	7,1	2	7,8	8
Total		52	00	36	00	88

n- número absoluto de entrevistados; % em relação ao total de entrevistados

Os dados da pesquisa revelaram que, conforme a Tabela 1, dos 388 entrevistados (134 homens e 254 mulheres), 132 eram doadores, sendo que, destes, havia 66 mulheres (50%) e 66 homens (50%).

Os dados obtidos na pesquisa da ANVISA mostraram que, entre a população doadora, os homens (62,39%) apresentavam-se como a maioria dos doadores.⁹ Outras pesquisas também vão ao encontro dos dados da ANVISA, demonstrando que indivíduos do sexo masculino eram mais sensíveis à doação de sangue do que as mulheres, sendo a maioria dos doadores do sexo masculino (71%)^{1,10-11}, apesar de haver um crescimento constante do grupo feminino (4,01% em 1995, e 28% em 2003).¹⁰ Outra pesquisa aproxima-se mais dos dados obtidos no presente estudo, a qual encontrou em um pouco mais da metade da população doadora pessoas do sexo masculino (53,6%).¹²

Um estudo discute esses números, demonstrando que as mulheres apresentaram-se menos sensíveis à doação de sangue, o que de alguma forma contraria a construção sociocultural do universo feminino, em que qualidades como altruísmo, solidariedade e compromisso social são predominantes. Assim, algumas campanhas vêm sendo feitas para esclarecer e sensibilizar as mulheres para a doação de sangue, visto que são poucas as situações fisiológicas em que elas não podem doar sangue. Essas estratégias permitiram o crescimento das doações de sangue junto às mulheres, com que esse segmento apresentando um potencial para ampliação.¹⁰

Neste estudo, em relação aos não doadores de sangue (n=256), as mulheres apresentaram maior percentual (73,4%) para o grupo de não doadores do que os homens (26,6%).

Tabela 2 - Distribuição dos doadores e não doadores de sangue de um município do RS, segundo a faixa etária. 2008 (n=388)

Doador	Faixa etária	PA		Universidade	
		N	%	n	%
Sim	Menos de 20 anos	2	11,3	7	3,0
	20 -- 30 anos	21	13,8	44	18,6
	30 -- 40 anos	22	14,5	4	1,7
	40 -- 50 anos	15	9,9	3	1,3
	50 -- 60 anos	11	7,2		
	60 anos ou mais	3	2,0		
		74	48,70	58	24,6
Não	Menos de 20 anos	5	3,3	66	28,0
	20 -- 30 anos	17	11,2	95	40,3
	30 -- 40 anos	25	16,4	14	5,9
	40 -- 50 anos	18	11,8	3	1,3
	50 -- 60 anos	10	6,6		
	60 anos ou mais	3	2,0		
		78	51,30	178	75,5

n- número absoluto de entrevistados; % em relação ao total de entrevistados

Foi identificado que entre os doadores, segundo a Tabela 2, em relação à faixa etária, havia a prevalência de 20 a 40 anos, a qual representou 68,9% da amostra. Quanto aos não doadores, os quais totalizaram 256 indivíduos, a predominância ocorreu na faixa entre 20 e 30 anos, representando 71,4% dos indivíduos. Outro dado significativo do estudo apontou para que, à medida que os indivíduos vão avançando na faixa etária, vai diminuindo a doação de sangue.

Recentemente, a doação de sangue vem sendo maior entre os mais jovens (20 a 29 anos); e a doação fidelizada foi maior entre o grupo de 30 a 49 anos.¹ Já, na Região Sul do Brasil, a faixa etária predominante foi dos 18 aos 30 anos (40,2%), seguida por indivíduos entre 31 e 40 anos (32,8%).¹²

Diante disso, é necessário pensar que devem ser elaboradas estratégias de mobilização/sensibilização para os indivíduos quanto à doação de sangue. É preciso envolver e sensibilizar a sociedade brasileira, levando-a a participar ativamente do processo de doação de sangue, de forma responsável e consciente, através de ações educativas e de mobilização social.¹⁰

A conscientização implica em ultrapassar a esfera espontânea de apreensão da realidade para se chegar a uma esfera crítica, em que a realidade pode ser conhecida, levando o homem a assumir uma posição epistemológica; todavia, a conscientização não existe sem ação-reflexão, ou seja, sem práxis.⁴ A opção por ser ou não um doador não prescinde dessa práxis e as estratégias voltadas à ampliação do número de doadores não podem deixar de considerar isso.

Quanto à escolaridade dos doadores e não doadores, identificou-se que predominaram doadores com formação superior incompleta (62,9%). Isso se deve ao fato de que a amostra teve uma forte presença de estudantes universitários, seguidos de sujeitos com ensino médio completo (15,2%) e ensino fundamental incompleto (10,6%). Entretanto, quando esses dados foram comparados aos da pesquisa da ANVISA¹⁴, constatou-

se que, em nível de Brasil, os estudantes de ensino médio completo representaram a maioria dos doadores (39,70%). Aponta ainda o estudo nacional que, em relação aos doadores com ensino superior completo, os percentuais não atingiram 10%. Se esses percentuais forem comparados com os dados do município em estudo, pode-se verificar o deslocamento da maioria dos doadores para o estrato com ensino superior incompleto (62,09%), embora os doadores de ensino médio completo no estudo representem um percentual de 15,12%, o que os aproxima dos números encontrados pela ANVISA.¹⁴

Em outro estudo, compreende-se que aumenta a doação de sangue conforme o aumento do grau de estudo¹. Sendo assim, os doadores fidelizados integraram um nível de escolaridade elevado (88% com ensino médio completo), o que revelou a importância das ações educativas empreendidas.¹⁰

Em relação aos não doadores, o perfil de escolaridade segue em 73,4% com ensino superior incompleto, 10,5% com ensino médio completo e 6,6%, com ensino fundamental incompleto. Os dados chamaram a atenção para o fato de que a condição de escolaridade dessas faixas respondeu positivamente aos apelos de doação, por um lado, como foi visto anteriormente, e, por outro, que os não doadores podem ser facilmente motivados e educados a doar. A tarefa educativa é indispensável, porque, mesmo no século XXI, é necessária a doação de sangue, de forma consciente, responsável e saudável, pois não há um substituto para esse tecido.⁴

Motivos para doar e para não doar

Tabela 3 - Distribuição dos doadores e não doadores de sangue de um município do RS, segundo os motivos para doação. 2008 (n=388)

Doador	Motivos	PA		Universidade	
		N	%	n	%
Sim	Familiares	26	17,1	5	2,1
	Ajudar pessoas/voluntários	47	30,9	53	22,5
Não	Não respondeu	1	0,7		
	Medo	12	7,9	31	13,1
	Doença	15	9,9	29	12,3
	Não teve informações/opportunidade	25	16,4	40	16,9
	Outros	4	2,6	5	2,1
	Religião	3	2,0	1	0,4
	Baixo peso	2	1,3	23	9,7
Tempo	6	3,9	8	3,4	
Sem interesse	9	5,9	30	12,7	
Não respondeu	2	1,3	11	4,7	

n- número absoluto de entrevistados; % em relação ao total de entrevistados

Ao buscar identificar os fatores motivacionais que levaram os entrevistados à doação de sangue, os dados revelaram que, conforme a Tabela 3, em primeiro lugar estavam o sentimento de ajudar as pessoas e a voluntariedade, representando 75,8% das doações, seguidos da doação a membros da família. Ambos os motivos são de caráter solidário e tal fato representa uma significativa mudança no perfil dos doadores e um



grande avanço, pois, até o ano de 1998, a maioria das doações era somente para fins de reposição.¹⁰

O reconhecimento da necessidade de existirem projetos que visem à sensibilização para o ato de doar sangue, salientando a desmitificação em relação às informações falsas acerca da doação de sangue, possibilita a conscientização da importância de ajudar o próximo. Essas ações mostraram sua importância, porque a maioria dos respondentes afirmou que as informações recebidas através da Oficina de Multiplicadores¹⁴ contribuíram para o esclarecimento de muitas dúvidas. Desse modo, houve alguns pontos importantes a serem destacados: de um lado, mostrou-se como a sociologia das organizações pode auxiliar os profissionais médicos e outros profissionais da saúde — particularmente enfermeiros e assistentes sociais, os atores mais importantes do teatro da doação e da transfusão — a explorar as possibilidades de aperfeiçoamento do sistema hemoterápico nacional; de outro lado, sugerem-se campanhas e ensinamentos nas escolas de ensino fundamental e médio que ressaltem o valor da doação, como ato generoso e genuinamente social, a partir de uma visão pedagógica que coloque a família e a sociedade em seus devidos lugares.¹⁴ A comunicação é uma parte substancial, pois seus efeitos, juntamente com outros fatores, moldam a imagem da instituição na mente dos doadores.¹⁵

Nesse sentido, essas são práticas educativas eficazes, como se pode constatar, e passam, sobretudo, pelo esclarecimento, pela informação detalhada e científica do uso médico do sangue. Além disso, é necessário que uma campanha de doação de sangue seja planejada, testada e medida, sendo necessário o acompanhamento por ações concretas de educação e assistência, por algum tempo. Devido ao fato de que a doação de sangue não está inserida nos hábitos de grande parte da população brasileira, a sua inclusão nos hábitos e crenças sociais não será um processo rápido, pois o ser humano tende a ser resistente a mudanças.¹⁵

Consideram-se os fundamentos humanos da doação e toma-se como ponto de partida o ato mesmo de doar, porque doar é um dom. Acredita-se que a base de um sistema de trocas é fundamental para a sobrevivência de uma comunidade, sendo que a prática do dom continua viva, mesmo nas sociedades capitalistas, sociedades da troca por dinheiro, exercendo um papel muito importante. Ao constatar a permanência dessa prática muito antiga, primitiva, nas sociedades contemporâneas, conclui-se que se trata de um fenômeno universal e, portanto, de uma característica intrínseca, antropológica, às relações entre os seres humanos. E não se realiza apenas em doar e receber bens materiais, mas, sobretudo, bens simbólicos, culturais. Sob esse aspecto, a educação é um sistema abrangente de trocas culturais, ou simbólicas.⁶ Somando-se a isso, doar significa, em outras palavras, a existência de uma economia sem fixação de preços, tratando-se, assim, de troca imediatas, consideradas pelas partes equivalentes.¹⁶

A gratuidade e o despojamento mercantil do dom ou dádiva não se realizam num vácuo social e econômico. Ocorrem nas relações sociais, num modo de dar e receber. Nesse sentido, não é nunca uma relação de mão única, ou seja, é um processo com doador e receptor, e as posições ficam investidas. Nessa perspectiva, a dádiva é uma aposta sempre única, que une as pessoas de uma maneira sempre nova, envolvendo prazer, doação ou obrigação, ou seja, nesse sistema valem as coisas da relação e o que nutrem.¹⁶ Assim, a solidariedade é um sentimento que dá sentido ao ato da dádiva, ao ato da doação e ao ato de cooperar, de agir junto.

Entre os não doadores, conforme a Tabela 3, a pesquisa revelou um grupo sem interesse para a doação percentualmente significativo, pois representou 15,2%. Esses indivíduos podiam não ter os impedimentos que os religiosos têm, no entanto, muitas vezes, eram indiferentes ao problema e, em geral, ficavam sensibilizados pela urgência da doação a um parente ou familiar.



Além disso, pode haver a presença de crenças religiosas, culturais, ou a escolha de não querer doar. Nesse sentido, algumas pessoas podem estar impedidas de doar sangue por motivos religiosos, tabus e superstições. Não são muitas, mas poderão crescer em virtude da difusão de adeptos de crenças religiosas que proíbem a doação de sangue, ou de pessoas que aderem a concepções proibitivas de tipo tabu. Nos casos em que essas pessoas ou seus parentes necessitem de transfusão, os hospitais têm-se socorrido do poder coercitivo do Judiciário. Talvez, seja interessante compreender as razões de fundo de tal proibição religiosa, pois é necessário que sejam respeitadas a crença ou a opção de não doar.

Considerando-se os motivos apontados por todos os entrevistados para não doar, esta pesquisa identificou oito diferentes motivos para a não doação de sangue. Em grau de importância, são apresentados a seguir.

O primeiro motivo apontado está relacionado ao fato de os indivíduos não obterem informações suficientes para mobilizá-los a serem doadores (25,4%). Isso vai ao encontro das necessidades em outras regiões do país, que carecem de campanhas de doação de sangue efetivas, para que motivem as pessoas à doação. O relato feito por um grande número de pessoas sobre terem visto ou ouvido muitas campanhas sobre o tema deve-se ao fato de que as entrevistas foram realizadas no mês de outubro, mês que antecede a divulgação do tema da doação de sangue na mídia, pois o dia 25 de novembro é considerado o Dia Nacional do Doador de Sangue.¹

A segunda justificativa representou 17,2%, e estava relacionada à impossibilidade de o indivíduo fazer doação, por motivo de doença pré-existente, posto que aqueles que se percebem como mais saudáveis sentem-se mais aptos a doar sangue, e são menos excluídos na triagem realizada previamente à doação, na qual são questionadas as características de saúde do candidato a doador.¹

A terceira justificativa para a não doação foi o medo da agulha (SIC), da punção (16,8%); a quarta justificativa apontou para a existência de um universo de 15,2% de indivíduos que manifestaram a falta de interesse em serem doadores; a quinta justificativa centrou-se no fato de os indivíduos entrevistados manifestarem baixo peso (9,8%); a sexta justificativa referiu-se à falta de tempo para dirigir-se a um banco de sangue (5,5%); na sétima, 5,1% não souberam justificar a sua não doação; na oitava, a não doação por motivos religiosos teve baixa representatividade entre os entrevistados (1,6%).

Se for levada em conta a sociedade como um todo, nota-se que são precários as informações e os conhecimentos sobre o sangue e suas múltiplas utilizações médicas no tratamento de doenças, como mostra, de forma indireta, a relação escolaridade-doença ou não, tanto nos dados coletados, quanto nos da ANVISA.¹³

Acredita-se, portanto, que as informações detalhadas, as práticas educativas e os esclarecimentos sobre o tema resolveriam o problema da não doação sanguínea. Dessa forma, ter-se-ia, certamente, um ganho significativo de doadores esclarecidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo permitiu uma visualização equiparada da probabilidade de doação ou não de sangue entre grupos de mesma faixa etária, sendo que dois grupos foram identificados neste estudo: os que doavam e os que não doavam. Dos que eram doadores, a predominância em relação à faixa etária era de 20 a 40 anos. Da mesma forma, no grande grupo de não doadores, se observou a prevalência da faixa etária menor, de 20 a 30 anos. Além disso, identificou-se que o motivo mais frequente para doação foi o sentimento de ajudar as pessoas, e para não doação foi o medo do procedimento.



Portanto, pensar e elaborar ações e campanhas que enfatizem a necessidade de doação de sangue para essa pequena parcela da população pode de alguma forma, sensibilizar os não doadores desse grupo. Acredita-se que, para o aumento das doações de sangue junto aos bancos de sangue, se fazem necessárias a educação e a informação aos doadores atuais e aos potenciais doadores, entretanto, é preciso respeitar a decisão daqueles que não desejam realizar o ato de doar sangue, independentemente de seus motivos sociais, culturais e psicológicos.

Compreender o ato de doar, nesse caso, o sangue, é trabalho para uma investigação que vai além da aqui exposta, já que toda a ação humana é permeada por aspectos subjetivos, contingenciais, contextuais e em relação à autonomia. Nesse sentido, portanto, o desenho da pesquisa apresenta limites, apontando alguns dos muitos aspectos relativos à doação de sangue.

REFERÊNCIAS

1. Zago A, Silveira MF, Dumith SC. Prevalência de doação de sangue e fatores associados, Pelotas, RS. Rev Saude Publica [periódico na internet]. 2010 [acesso em 15 set. 2010]; 44(1): 112-20. Disponível em: http://www.scielosp.org/scielo.php?pid=S0034-89102010000100012&script=sci_arttext.
2. Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS). Federação Internacional das Sociedades da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho. Fazendo a diferença: captando doadores de sangue voluntários, não remunerados. Brasília; 2004.
3. Brasil. Ministério da Saúde. Coordenação Nacional de Doenças Sexualmente Transmissíveis e Aids. Gerência Geral de sangue e Hemoderivados. Manual de Captação de doadores de sangue. Brasília: Ministério da Saúde; 2001.
4. Pereima RSMR, Arruda MW, Reibnitz KS, Gelbcke FL. Projeto escola do centro de Hematologia e Hemoterapia de Santa Catarina: uma estratégia de política pública. Texto & contexto enferm. 2007; 16(3): 546-52.
5. Pereira RSMR, Reibnitz KS, Martini JG, Nitschke RG. Doação de sangue: solidariedade mecânica versus solidariedade orgânica. Rev Bras Enferm. 2010; 63(2): 322-7.
6. Sabourin E. Marcel Mauss: da Dádiva à questão da Reciprocidade. Rev Bras Cienc Soc [periódico na internet]. 2008 [acesso em 10 set. 2010]; 23(66):131-138. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v23n66/08.pdf>
7. Lakatos EM, Marconi MA. Fundamentos de metodologia científica. São Paulo: Atlas; 1985.
8. Brasil. Conselho Nacional de Saúde. Resolução 196/96 - Pesquisa em Seres Humanos. Brasília: Ministério da Saúde; 1996.
9. Brasil. Anvisa. Pesquisa sobre perfil de doadores e não doadores de sangue no Brasil. Brasília; 2006 [acesso em 01 set. 2010]. Disponível em: http://www.anvisa.gov.br/divulga/noticias/2006/110106_1.htm
10. Moura AS, Moreira CT, Machado CA, Neto JAV, Machado MFAS. Doador de sangue habitual e fidelizado: fatores motivacionais de adesão ao programa. Rev Bras Promoc saude [periódico na internet]. 2006 [acesso em 24 set. 2010]; 19(2): 61-7. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/pdf/408/40819202.pdf>



11. Ciorlia LAS, Zanetta DMT. Hepatite C em profissionais da saúde: prevalência e associação com fatores de risco. Rev Saude Publica [periódico na internet].2007 [acesso em 21 set. 2010]; 41(2): 229-35. Disponível em: http://www.scielosp.org/scielo.php?pid=S0034-89102007000200009&script=sci_arttext
12. Petry A, Kupek EJ. Efetividade das vacinas anti-VHB (DNA-recombinante) em doadores de sangue de uma região endêmica para hepatite B no sul do Brasil. Rev Soc Bras Med Trop [periódico na internet]. 2006 [acesso em 15 set. 2010]; 39(5):462-6. Disponível em:http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0037-86822006000500008&script=sci_arttext&lng=pt
13. Brasil. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Resolução RDC n°153. Brasília; 2004.
14. Santos LAC. Doação, transfusão e laços de sangue: cultura e sociedade no Brasil contemporâneo. Hist Cienc Saude Manguinhos [periódico na internet].1995 [acesso em 20 ago. 2010]; 2(1): 167-70.Disponível em:<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v2n1/a17v2n1.pdf>
15. Ludwig ST, Rodrigues ACM. Doação de sangue: uma visão de marketing. Cad Saude Publica [periódico na internet]. 2005 [acesso em 10 out. 2010]; 21(3):932-9. Disponível em: <http://www.scielosp.org/pdf/csp/v21n3/28.pdf>
16. Lechat NMP, Schiochet V. Economia da dádiva. In: Cattani AD (org). A outra economia. Porto Alegre: Veraz; 2003. p.84-88.

Data de recebimento: 18/01/2011

Data de aceite: 29/03/2011

Contato com autora responsável: Teresinha Heck Weiller.

Endereço: Av. Rodolfo Berhr, 1500, Casa 102, Bairro Camobi, Santa Maria, RS, Brasil.

E-mail: weiller2@hotmail.com